

Resenhas

Mobile Methods

Monica Büscher, John Urry, Katian Witchger

Routledge

Londres, 2011, 206 p.

Pesquisa e Métodos Móveis

A mobilidade é um dos fenômenos mais importantes da sociedade contemporânea. Trata-se de um elemento fundamental da vida cotidiana, ainda relativamente pouco explorado pelos pesquisadores nas Ciências Sociais. No entanto, desde o ano de 2000, John Urry, *Distinguished Professor* da Universidade de Lancaster, Inglaterra, e diretor do CeMoRe – Centre for Mobilities Research¹, na mesma universidade, vem se dedicando a consolidar o chamado “Paradigma das Mobilidades” (Mobilities, 2007) como ponto de partida para os estudos nas Ciências Sociais. Segundo Urry, ao pensarmos o mundo através das lentes da mobilidade, identificamos uma série de sistemas lógicos que capacitam a circulação cada dia mais intensa de pessoas, informação e mercadorias, o que faz com que as relações sociais na contemporaneidade possam ser pensadas a partir das capacidades de mobilidade e das possibilidades de imobilidade dos indivíduos. Essa capacidade de experimentar a mobilidade ou a imobilidade reorganiza a vida social e define a sociedade contemporânea como uma sociedade que está permanentemente *on the move*, e por isso deve ser analisada a partir do ponto de vista da experiência da circulação.

Mas, certamente, uma das dificuldades dos estudos na área é a definição de um método de pesquisa que dê conta de analisar os deslocamentos reais, virtuais e imaginários realizados diariamente por indivíduos no mundo todo e, principalmente, investigar uma série de novas experiências de

¹ <http://www.lancs.ac.uk/fass/centres/cemore/>

vida geradas pela mobilidade: experiências efêmeras, não fixas, múltiplas, complexas, sensoriais, emocionais e corpóreas, as quais Urry afirma serem tratadas de maneira deficiente enquanto objetos de análise das Ciências Sociais.

O livro *Mobile Methods* de Urry, Büscher e Witchger – ambas pesquisadoras do *CeMoRe* – editado pela Routledge, em 2011, ainda sem tradução no Brasil, aborda a questão da pesquisa sobre a mobilidade de pessoas, objetos e ideias a partir dos estudos de Simmel sobre o movimento. A intensificação da vida nervosa que a cidade moderna oferecia teria sido para o sociólogo alemão a origem da nova condição psicológica do indivíduo diante da diversidade de estímulos de uma nova experiência urbana. A condição de vida do sujeito moderno teria como pressuposto a adaptação a uma dupla condição de mobilidade: a da cidade, que parecia mover-se pela tecnologia e velocidade dos transportes; e a sua própria, ao tornar-se, fisicamente e psicologicamente, móvel.

Durante algumas décadas não consideradas relevantes pelas ciências sociais, as ideias de Simmel sobre o movimento e seus impactos na vida cotidiana foram retomadas por Urry e seu Paradigma da Mobilidade. É exatamente essa mobilidade paradigmática que serve aos autores como ponto de partida para propor ao pesquisador refletir sobre as mudanças nas dinâmicas sociais e na forma como mudanças de cenário afetam as interações com o ambiente em que se vive. Ao mudarem os cenários, mudam-se as maneiras com as quais as pessoas se relacionam com o tempo e com o espaço, com o ambiente em que circulam, com seus objetos e com seus grupos de referências que, a partir do movimento, são ressignificados e reutilizados na construção de uma “vida móvel”, na qual novos modos de presença são redefinidos a partir das relações a distância, mediadas pela tecnologia.

Desse modo, como analisar um objeto que não é fixo, ou que existe exatamente pela sua mobilidade ou pelo seu potencial de movimento? Como investigar as relações que se estabelecem entre as pessoas, entre as pessoas e os objetos, e ainda, entre as pessoas e os lugares, se todos, ou parte, desses elementos estão ou podem estar em movimento? Como avaliar novas práticas de deslocamento nas quais o indivíduo fisicamente experimenta o movimento de forma diferenciada?

O livro *Mobile Methods* chega para elucidar alguns problemas, ao mesmo tempo em que apresenta novas oportunidades de pesquisa a partir do fenômeno social da Mobilidade. No entanto, *Mobile Methods* não é um

livro sobre metodologia em pesquisa. Mais do que apresentar possíveis métodos de investigação, o livro procura definir novas formas de análise e esclarecimento do fenômeno da mobilidade e suas diversas manifestações sociais. É nesse sentido que o livro se organiza: ao apresentar aos pesquisadores novas sensibilidades empíricas, orientações analíticas e novos métodos para “mover-se e se deixar mover” pelos seus objetos de análise, os autores oferecem uma gama de novas práticas de investigação, denominadas “métodos móveis”, que seriam mais adequadas às pesquisas sobre as diversas interconexões entre pessoas, grupos, objetos, locais e sistemas, e, ainda, entre diferentes áreas de conhecimento, que se estabelecem a partir, por meio e em função de diferentes e interdependentes tipos de mobilidades e, conseqüentemente, de imobilidades.

A principal característica dos métodos propostos é a própria mobilidade do(s) pesquisador(es). Segundo os autores, a tendência do(s) investigador(es) nas ciências sociais é tentar conter o fenômeno para estudá-lo. Em se tratando de um fenômeno social intrinsecamente não fixo, a tentativa de “pará-lo” acaba por destruí-lo enquanto objeto de análise, inviabilizando uma reflexão mais apurada e consistente. Além disso, segundo os autores, deixar-se levar pelos seus objetos faz com que os pesquisadores experimentem também o movimento e possam, desta forma, melhor compreender as múltiplas maneiras pelas quais a vida social é organizada e experimentada por diferentes pessoas, em diferentes momentos e lugares.

O livro tem dez capítulos que servem ao leitor como um interessante conjunto de relatos nos quais os próprios pesquisadores apresentam suas experiências em capturar, monitorar, rastrear, acompanhar, simular e comparar diversas e intermitentes mobilidades de pessoas, imagens, informação e objetos. Em cada relato, diferentes “métodos móveis” foram utilizados. Por exemplo, observar o movimento das pessoas seguindo-as de perto ou à espreita, assim como fizeram Jirón (capítulo três), na sua pesquisa sobre a experiência de mobilidade em Santiago do Chile; Ferguson (capítulo cinco), na sua análise sobre a circulação, especialmente de carro, de assistentes sociais que estão envolvidos na pesquisa sobre abuso infantil; e, ainda, Watts e Lyons (capítulo sete), em sua pesquisa sobre como o tempo da viagem de trem é materializado e aproveitado de diferentes formas pelos passageiros.

Há também métodos que podem ser usados na observação e acompanhamento do movimento dos objetos, como o usado por Gillen e Hall (capítulo dois) em sua pesquisa sobre a difusão e a circulação dos

cartões postais no final do século XIX; e também por Molz (capítulo seis), ao estudar a mobilidade virtual de memórias visuais (fotos antigas, por exemplo) de pessoas e lugares que circulam entre as redes sociais.

Outro método de observação possível é aquele mediado por tecnologias de comunicação, tal como vídeos e mensagens de texto em celulares, mensagens em sites e blogs e aparelhos de GPS, que localizam geograficamente a mobilidade do grupo pesquisado. Tanto Haldrup (capítulo quatro) – na sua análise sobre as formas de mobilidade das viagens em família –, quanto Morel e Licoppe (capítulo dez) – na sua pesquisa sobre a interação por meio de chamadas de vídeo em celulares –, além de Ahas (capítulo onze) – em sua pesquisa sobre rastrear e mapear geograficamente o movimento de pessoas e grupos – utilizaram tecnologias de informação e comunicação como ferramentas de observação e análise. Ainda no escopo das tecnologias de informação, é possível usar mensagens trocadas em sites da internet ou em blogs como fontes de marcação, tanto da mobilidade quanto da espacialidade definidas por viajantes que precisam assistência mecânica para continuar a viagem (*Mondala*, capítulo nove).

E, para completar, Büscher, em parceria com um engenheiro, um *designer* e um artista e curador de arte, todos ligados ao desenvolvimento, ao uso e à pesquisa básica e aplicada de inovações tecnológicas e mobilidade, escreve um capítulo (oito) sobre como essas inovações – ainda experimentais – em software e hardware podem identificar direções interessantes para o real desenvolvimento, implementação e uso público de novas tecnologias para melhorias na vida cotidiana. No entanto, assim como em todos os relatos, Büscher *et al.* não deixam de refletir sobre a complexidade desse cenário no que diz respeito a inesperadas consequências sobre todos os envolvidos nessas mudanças “tecnossociais”, como, por exemplo, nas práticas cada vez maiores de rastreamento e controle da mobilidade dos indivíduos.

Mobile Methods avança na sua proposta em apresentar diferentes metodologias para análise de uma nova conjuntura social na qual a mobilidade é condição de vida fundamental. A diversidade de assuntos e tipos de pesquisas relatados no livro nos ajuda a compreender que o paradigma da mobilidade define uma nova perspectiva para os estudos na teoria social crítica, ao abrir o caminho para novas maneiras de se entender a relação entre teoria, observação e atuação nas ciências sociais.

Esperamos que em uma próxima coletânea de relatos de pesquisa em mobilidade haja uma maior presença de trabalhos realizados no âmbito da

América Latina, principalmente no Brasil, onde a mobilidade, enquanto paradigma, ganha força nas ciências sociais.

Maria Alice Nogueira*

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro/Brasil) e professora da Universidade Estácio de Sá (Rio de Janeiro/Brasil). E-mail: ma.nogueira@terra.com.br.